

## Memórias bordadas: narrativas quilombolas e a resistência feminina em Alto Alegre.

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17021724>

Rita de Cássia Martins Enéas Moura (Mestrado em Ciências da Educação/UPAP)  
E-mail: [cassiaeneas@horizonte.ce.gov.br](mailto:cassiaeneas@horizonte.ce.gov.br)

**Resumo:** Este artigo narra a trajetória do Coletivo Bordando Resistência, formado por mulheres negras quilombolas da comunidade de Alto Alegre, em Horizonte/CE. Criado em 2017, o coletivo nasce do olhar atento e sensível de uma educadora que, ao perceber a invisibilidade vivida por tantas mulheres do território, ajudou a costurar um espaço de escuta, pertencimento e reconstrução identitária. O bordado, aqui, não é apenas arte: é memória viva, é resistência que atravessa gerações. A cada ponto tecido, histórias são contadas, dores são ressignificadas, afetos são compartilhados. Com base em metodologias contra-coloniais e nas epistemologias do sul, o estudo se ancora em narrativas orais, observação participante e registros produzidos pelo próprio grupo. Inspirado nas reflexões de autoras como Sueli Carneiro, Bell Hooks, Conceição Evaristo, Nilma Lino Gomes, Paulo Freire e Nego Bispo, o artigo analisa como a prática do bordado se tornou gesto político-pedagógico de emancipação e ferramenta de educação antirracista. Ao participar de feiras, exposições, documentários e oficinas em espaços locais, nacionais e internacionais, o coletivo reafirma o lugar das mulheres quilombolas como produtoras de cultura e de saberes. Entre tecidos, linhas e memórias, elas seguem bordando futuros possíveis com firmeza, ternura e ancestralidade.

**Palavras-chave:** Memória; Cultura Quilombola; Educação Antirracista; Feminismo Negro; Bordado.

## Memórias bordadas: narrativas quilombolas e a resistência feminina em Alto Alegre

O presente artigo tem como objetivo apresentar a experiência do Coletivo Bordando Resistência, formado por mulheres negras quilombolas da comunidade de Alto Alegre, em Horizonte, Ceará, como um movimento que articula cultura, ancestralidade, afetos, educação, identidade de gênero e luta política por meio da arte do bordado. Criado em 2017 a partir da sensível percepção de uma educadora e ativista local Rita de Cássia Martins Enéas, o coletivo impulsionou a organização das mulheres quilombolas em torno da prática do bordado como expressão de pertencimento, educação e resistência, buscando afirmar a identidade do território e criar espaços de escuta, partilha e produção cultural a partir de suas próprias narrativas. As bordadeiras utilizam o bordado como instrumento de resistência, ferramenta pedagógica e expressão identitária, rompendo com as lógicas coloniais de silenciamento e invisibilidade das vozes negras femininas.

A pesquisa tem caráter qualitativo, fundamentada em metodologias contra-coloniais e nas epistemologias insurgentes que emergem dos saberes de mulheres negras, quilombolas e de outros sujeitos historicamente subalternizados. Inspirando-se nas contribuições de autoras como Maria Lugones (2007) e Rita Segato (2016), comprehende-se que a produção de

conhecimento se dá também nos territórios da oralidade, da ancestralidade e das práticas culturais, desafiando as estruturas da colonialidade do saber. Como aponta Nego Bispo (2015), quilombos e terreiros não são espaços que precisam se decolonizar, pois jamais foram colonizados — são, por essência, contra-coloniais, formas autônomas de vida e pensamento. Ao tomarmos como referência as vivências do Coletivo Bordando Resistência, esse arcabouço se materializa na valorização da oralidade, da memória e dos afetos como formas legítimas de produção de conhecimento e como expressões de resistência ao apagamento.

Nesse sentido, as narrativas orais, os registros de promoção artística das bordadeiras, a observação participante e os documentos produzidos pelo coletivo compõem uma cartografia simbólica que entrelaça resistência, ancestralidade e saberes comunitários. Inspiradas por autoras como Sueli Carneiro (2003), Bell Hooks (2019), Conceição Evaristo (2007), Nilma Lino Gomes (2017) e pelo pensador quilombola Nego Bispo (2021), a análise propõe deslocar o eixo do saber acadêmico hegemônico, reconhecendo o corpo, a experiência e a memória como arquivos vivos da história. O bordado, enquanto gesto cotidiano e ancestral, torna-se também uma escrita de si, uma pedagogia insurgente que afirma: insistir como pressuposto de não se intimar “ir com medo mesmo”. Como já indicava Bell Hooks (2013), ensinar a partir da margem é também criar espaços de liberdade para construir novas formas de existência. Para Sueli Carneiro (2011), resistir é também ressignificar a presença das mulheres negras nos espaços sociais, através do enfrentamento ao racismo e ao sexismo institucionalizados.

Mais do que um ofício, o bordado tornou-se para essas mulheres uma ferramenta de emancipação e autoconhecimento. Ao manusear agulhas e fios, elas bordam suas trajetórias, resgatam memórias ancestrais e reafirmam identidades culturais muitas vezes invisibilizadas. Como afirma Conceição Evaristo (2021), “nossos passos vêm de longe” — e cada ponto bordado pelo coletivo é também uma escrita de si, uma forma de resistência e reinscrição de memórias silenciadas. Em diálogo com a afirmação de um coletivo de bordado que diz: “Antes da escrita, existia a linha”, comprehende-se que, em diversas culturas, como a egípcia e a andina, o bordado foi — e ainda é — forma legítima de registro, comunicação e saber (Clube da Lau, 2025). Assim, o bordado, transmitido entre gerações, carrega narrativas, resistências e sonhos, tornando-se um instrumento potente de expressão e conscientização. Ao transformar linhas e tecidos em enunciados políticos e pedagógicos, as bordadeiras constroem uma cartografia simbólica de suas memórias, entrelaçando histórias pessoais com a luta

coletiva por reconhecimento, justiça e permanência nos territórios tradicionais. O bordado deixa de ser apenas uma técnica artesanal e passa a ser um gesto de emancipação, uma narrativa contra-hegemônica que transforma o silêncio em voz e o invisível em presença.

A atuação do coletivo se materializa em feiras, formações e exposições que se tornam, também, espaços de mobilização política, partilha de saberes e valorização da memória ancestral. Entre as ações destacam-se: a Oficina “Bordando Aprendizagens” no CONEDU 2024; oficinas de bordado em escolas, centros culturais e eventos comunitários; e a exibição do documentário produzido e apresentado na Mostra Cultural “Tradição, Inovação e Bordado”, em 2024, que narra a história e a importância do coletivo na preservação da cultura quilombola de Alto Alegre. Participaram ainda de ações como Linhas do Mar (2020), Gotas de Esperança (2020 – ação solidária para Brumadinho), Movimento Mil Agulhas (2021), Maria, Mãe do Povo (2022), Mulheres Juntas Mudam o Mundo (2022) e Bandeira do Ceará – Lula (2023). Também protagonizaram exposições como “Porque Cazuza resistiu, resistimos também” (2018), “De olho d’água a Horizonte” (2022), “ANCESTRALIDADES – Uma viagem pela herança identitária e histórico-cultural” (2024) e “A saúde no Brasil tem cor?” (2025).

Em 2025, o coletivo retornará ao CONEDU – Congresso Nacional de Educação, que ocorrerá entre os dias 03 e 05 de outubro na cidade de Olinda/PE, com o tema “Fazer educação a partir das margens: compromissos formativos”, promovendo três oficinas pedagógicas com foco na educação antirracista e nas relações étnico-raciais: 1. Assegurar o Colo: Bordando a Educação Antirracista na Primeira Infância; 2. Bordando Conhecimentos: Educação para as Relações Étnico-Raciais no Ensino Fundamental; 3. Mulheres Juntas Mudam o Mundo: Bordando Saúde, Raça e Gênero na Educação. Em cada uma delas, o bordado será utilizado como ferramenta pedagógica para refletir sobre diversidade étnico-racial, inclusão social, direitos humanos e fortalecimento das identidades. Celebrando a cultura quilombola, os saberes ancestrais e o direito ao pertencimento, cada fio bordado será um gesto de resistência, de memória e de esperança.

As oficinas desenvolvidas – que unem técnica, reflexão e vivências compartilhadas – promovem diálogos sobre igualdade racial, gênero, pertencimento e enfrentamento às múltiplas formas de opressão. Ao refletirem sobre suas origens e os desafios que enfrentam, as participantes passam a reconhecer suas potências, compreendendo que sua arte e sua

história são valiosas e transformadoras. Nesse processo, o educador assume um papel central como sujeito de mudança, rompendo com antigos modelos ideológicos baseados na reprodução de desigualdades e silenciamentos. A prática educativa no coletivo se alinha aos princípios de Paulo Freire (1997), ao propor uma educação como ato de liberdade, dialógica e politicamente engajada com os oprimidos, capaz de estimular a consciência crítica e fortalecer processos de emancipação individual e coletiva.

### Considerações finais

Concluímos que a ação do coletivo é também um gesto poético-político de refundação da história a partir das margens, onde o corpo, o tecido e a memória se encontram para bordar futuros possíveis. O Coletivo Bordando Resistência é, acima de tudo, um movimento de resistência, pertencimento e empoderamento, onde cada ponto bordado não apenas conta uma história, mas também constrói um futuro de mais reconhecimento, autonomia e justiça social para as mulheres quilombolas.

### Referências

BISPO DOS SANTOS, Antônio. *Colonização, quilombos: modos e significações*. Brasília: INCRA, 2015.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo**: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. São Paulo: Geledés, 2011.

CLUBE DA LAU. **Antes da escrita, já existia linha**. Instagram, 13 maio 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DJmWdMVxSOU/> Acesso em: 21 ago. 2025

EVARISTO, Conceição. **Escritos de uma vida**. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GOMES, Nilma Lino. **Educação para a igualdade racial**: currículo, conhecimento e práticas pedagógicas. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais*. Brasília, DF: MEC/SECAD, 2004.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LUGONES, Maria. **Colonialidade e gênero.** Revista Estudos Feministas, 2007.

SEGATO, Rita Laura. **La guerra contra las mujeres.** Madrid: Traficantes de sueños, 2016.



# REVISTA NZINGA